

Os infortúnios da vida militante: as emoções e o engajamento

FILLIEULE, O.; LECLERCQ, C.; LEFEBVRE, R. (ed.). *Le malheur militant*. Bruxelles: De Boeck Supérieur, 2022.

Higor Codarin^{1,2*} 

Resumo

Este texto tem por objetivo realizar uma resenha do livro *Le malheur militant*, publicado em 2022 na França e ainda sem tradução brasileira. Situada nos marcos da sociologia do engajamento militante, a obra, organizada por Catherine Leclercq, Olivier Fillieule e Rémi Lefebvre, representa uma das vertentes atuais das pesquisas nesse domínio. Mais do que apresentar as temáticas e aspectos principais, esta resenha procura situar a obra no contexto ampliado das transformações vividas pela *sociologie du militantisme* nas últimas décadas. Além disso, busca contribuir para o debate sobre o desenvolvimento dessa corrente teórico-metodológica, ainda incipiente na sociologia brasileira, ao ressaltar sua principal contribuição: evidenciar os desafios e potencialidades das análises que conjugam percursos individuais e emoções na compreensão da atividade militante, destacando sobretudo as tristezas, sofrimentos e mal-estares da vida militante.

Palavras-chave: engajamento, militantismo, emoções, trajetórias.

¹Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Sociologia, Campinas, SP, Brasil.

²École des Hautes Études em Sciences Sociales, Paris, France.

*Correspondência: higor.codarin@gmail.com

The misfortunes of militant life: emotions and engagement

Abstract

This text aims to present a review of the book *Le malheur militant*, published in 2022 in France and not yet translated into Portuguese. Situated within the framework of the sociology of militant engagement, the work, organized by Catherine Leclercq, Olivier Fillieule, and Rémi Lefebvre, represents one of the current strands of research in this field. More than merely outlining the main themes and aspects of the book, this review seeks to situate it within the broader context of the transformations that *la sociologie du militantisme* has undergone in recent decades. Seeking to contribute to the debate on the development of this theoretical and methodological approach—still incipient in Brazilian sociology—the text highlights its main contribution: shedding light on the challenges and potentialities of sociological analyses that combine individual trajectories and emotions in the understanding of militant activity, particularly the sadness, suffering, and distress that pervade militant life.

Keywords: engagement, militancy, emotions, trajectories.

Enraizada nas escolas sociológicas francesa e estadunidense, embora ainda incipiente no Brasil (Silva; Ruskowski, 2010, 2016, Naujorks; Silva, 2016, Seidl, 2009, Rolemberg, 2021), a sociologia do engajamento militante visa, em linhas gerais, compreender a “[...] participação *duradoura* em uma ação coletiva que vise à defesa ou à promoção de uma causa” (Sawicki; Siméant, 2009, p. 2).

Salvo algumas exceções, como foi o caso do célebre estudo sobre a formação da classe operária inglesa realizado pelo historiador Edward Palmer Thompson (1987), os trabalhos das décadas de 1960 e 1970, que acabaram por inaugurar essa nova vertente teórico-metodológica, apostavam na compreensão da atividade militante privilegiando aspectos generalistas, especialmente relacionados às organizações políticas e/ou às estruturas sociais mais amplas. Dito de outro modo, àquela altura, a sociologia do engajamento militante baseava-se em um perfil analítico mesológico e/ou macrosociológico.

No entanto, a partir da década de 1980, com o questionamento dos paradigmas estruturalista e marxista – que, em grande medida, animavam os trabalhos de então –, iniciou-se um processo de transformação. De coadjuvantes, os militantes, ou seja, os indivíduos reais, que encarnavam e concretizavam as ideias de suas respectivas organizações, tornavam-se, gradativamente, protagonistas. Fortemente influenciados pelas noções de *carreira* (Becker, 2008) e *retribuições* (Gaxie, 1977), os trabalhos passaram a examinar as ações e interações entre os indivíduos e entre eles e as instituições.

Embora o texto de Gaxie tenha sido marco de uma espécie de sociologia das retribuições da atividade militante na França, seu trabalho se integra a um movimento mais amplo de reformulação da sociologia política. Apoiando-se em uma nova leitura da teoria weberiana¹ dos partidos e dirigentes políticos, o texto se inscreve na perspectiva de uma sociologia crítica da representação, assim como desenvolvia, paralelamente, Bourdieu (1978, 1981, Agrikoliansky; Fillieule, 2019).

¹ Para maiores detalhes, cf. Weber (1973).

Vislumbrando a importância de uma análise, ao mesmo tempo, sincrônica e diacrônica, que relacionasse contextos socio-históricos, trajetórias individuais e instituições, a renovação neste domínio de pesquisa lançou luz aos percursos militantes, assim como às lógicas de investimento e desinvestimento na atividade militante. “Apreender os processos e a dialética permanente entre história individual, instituição e contextos revela o produto concreto do que os atores fazem ao serem feitos” (Fillieule, 2009, p. 87)

Da profícua bibliografia que surgiu desde então, dois subcampos merecem destaque para os objetivos desta resenha, justamente por se interrelacionarem no livro em questão. Por um lado, como resultado de uma jornada de estudos do Centre d’Études et de Recherche sur les mutations du militantisme, Olivier Fillieule organizou o livro *Le désengagement militant* (2005). A partir de uma perspectiva original, o livro, ao contrário das interpretações predominantes que focalizavam os processos iniciais de engajamento, aponta para as problemáticas de sua manutenção ao longo do tempo e, especialmente, sobre os processos de abandono da militância. Como apontou Philippe Gottraux: “[...] lançar um olhar analítico sobre o momento de abandono das atividades políticas militantes, visto que ele se situa no cruzamento de tensões entre diversas lógicas, pode ser entendido como revelador de algo que não aparece espontaneamente ao observador (talvez ainda menos ao próprio ator)” (Fillieule, 2005, p. 11).

Por outro lado, as pesquisas que sublinham as consequências biográficas do engajamento. Para esse “subcampo”, interessa compreender “[...] as maneiras pelas quais o engajamento gera ou modifica disposições para agir, pensar, perceber – e perceber a si mesmo” (Leclercq; Pagis, 2001, p. 5). Neste caso, o enfoque não se restringe ao processo social que produziu o indivíduo enquanto militante, mas qual a incidência da atividade militante na vida individual ou, em outras palavras, “[...] saber como o engajamento é suscetível de influenciar continuamente, redefinindo ou modificando o conjunto de representações e práticas individuais” (Leclercq; Pagis, 2001, p. 6).

Na convergência entre análises que buscam compreender as consequências do engajamento e as lógicas do desengajamento, o livro *Le malheur militant* traz novas contribuições ao debate. Formado por onze capítulos escritos por pesquisadores diferentes, além de um prefácio e um posfácio, o enfoque principal da obra é incorporar às análises a dimensão das emoções e afetos.

Seguindo a trilha de outras obras que já exploraram a relação entre emoções e militância², compondo o chamado *emotional turn*, o livro ora resenhado se destaca por examinar diferentes temáticas sob o prisma de emoções negativas. Apesar de comumente traduzida por infortúnio, a palavra *malheur* – linha condutora de toda a obra – é definida de modo amplo, levando em conta um leque de sentimentos e emoções, dentre elas: mal-estar, tristeza, aflição, solidão e desesperança. Na definição dos organizadores: “[...] o infortúnio militante como um estado afetivo relativamente durável ou recorrente, gerado por situações entendidas como negativas, excluindo emoções pontuais ou efêmeras que marcam, naturalmente, o curso das experiências de engajamento ou de ação militante” (p. 6).

Embora relacionado, como veremos, a dinâmicas que resultaram em desengajamento, ou mesmo em *burnout* militante, uma das contribuições originais do livro é compreender, também, o *malheur* enquanto presença cotidiana em meio às atividades políticas.

É importante sublinhar que o livro compartilha da ideia de que as emoções não são fruto da irracionalidade das “multidões” e tampouco manifestações unicamente individuais. Situando a obra como “[...] um convite à continuidade das pesquisas no campo de uma sociologia dos afetos” (p. 14), os organizadores reforçam a noção das emoções enquanto uma linguagem. Como tal, ganha forma, apenas, cultural e socialmente. Para além, recuperando os clássicos tipos ideais de ação categorizados por Max Weber, apontam:

² Por exemplo, Goodwin, Jasper e Polletta (2001).

O tipo “ação racional baseada em valores” parece especialmente interessante ao apontar que as razões de agir são tributárias de uma ética, isto é, da incorporação de crenças, convicções, modos de percepção e classificação, que parecem inseparáveis das condutas e expressões afetivas, já que as reações morais estão intrinsecamente ligadas às sensibilidade, ambas derivando de um determinado estado da ordem social e política (p. 14).

O livro é dividido em duas partes. A primeira, denominada “Os custos do engajamento: tensões e dilemas”, é composta por cinco capítulos que abordam a temática de modos diferentes e complementares.

Iniciando com uma análise a respeito das relações entre gênero e organizações de esquerda radical na França dos anos 1970 (capítulo 1), aponta-se o caráter androcêntrico das organizações, geradoras de aflições, tristezas e renúncias por parte das militantes mulheres. O capítulo realça a importância da “[...] compreensão dos custos afetivos diferenciados da atividade militante” (p. 23).

Ainda sobre o contexto francês, o livro analisa dinâmicas locais de militância contra a implementação de energia eólica (capítulo 2). O impacto nessas dinâmicas sociais e econômicas de cidades pequenas revela como a militância geograficamente restrita entra em choque com as redes afetivas e de sociabilidade dos militantes, provocando mal-estares diversos e prejuízos econômicos.

Sobre o contexto africano, o livro aborda a militância dos filhos de presos políticos no Marrocos (capítulo 5). Crescendo entre as décadas de 1960 e 1980, em meio à militância de suas famílias pela libertação dos pais, os filhos desenvolvem uma intrínseca relação de identidade com a atividade militante. A partir do início dos anos 1990, com o retorno dos pais à liberdade, a causa perde sentido, assim como a figura idealizada dos pais. O capítulo, então, elabora uma reflexão a respeito das rupturas afetivas, familiares e militantes, geradoras de ressentimentos e dissonâncias, contribuindo às interpretações de rupturas identitárias a partir de rupturas no militantismo.

Por fim, embora também partam de estudos de casos específicos, dois capítulos desta primeira parte chamam a atenção pela sua atualidade e, também, pela pertinência global.

De início, o estudo que aborda as especificidades do infortúnio da militância ecologista (capítulo 3). Fundado na perspectiva de uma ameaça à vida humana e ao planeta e, portanto, ancorada em uma perspectiva catastrofista e geradora de mal-estares diversos, o capítulo busca compreender, especialmente, a conjuntura atual, marcada “[...] por um jogo complexo de irreversibilidades globais que se sucedem, imbricando-se e constituindo em conjunto uma trajetória catastrófica com potencial apocalíptico” (p. 33).

Centrando esforços no exame dos sentimentos que decorrem da impotência diante do não cumprimento sucessivo dos acordos que visam impedir o aquecimento global, o capítulo apresenta como impotência e desesperança se entremeiam aos deveres éticos científicos e militantes do movimento ecologista, assim como apontam o surgimento de respostas individualistas e psicologizantes a esses mal-estares que acabam por ganhar terreno em uma atuação política marcada pelo desalento.

Além deste, o capítulo 4 remonta as renúncias, tristezas e desengajamentos da esquerda israelense. O texto persegue a trilha de diversos militantes que, diante da impotência em relação à ocupação dos territórios palestinos e tentativa de aniquilação de seu povo, optam pelo exílio em Berlim. Acusados de traidores da pátria, estigmatizados, esses militantes se encontram em uma espécie de não-lugar. Em uma “[...] posição de exterioridade em relação aos seus concidadãos” (p. 43) e, ao mesmo tempo, impedidos de aprofundar seus laços com o povo palestino devido à repressão militar, o desengajamento se torna o lugar possível. Multifacetado, o abandono da militância e subsequente exílio, torna-se traumático pelo abandono da causa geradora de identidade. Como apontou um dos exilados israelenses: “O que é minha vida pessoal? O que é minha vida política? Quem sou eu se não milito mais?” (p. 48).

Na segunda parte, denominada “Em tensão com a instituição: adaptações e renúncias”, os capítulos abordam, majoritariamente, os choques geradores de mal-estares dentro das organizações políticas. Embora essa divisão seja algo fluida, nesta segunda parte, o enfoque é dado às dinâmicas internas, ao contrário da predominância das conjunturas externas que influíam na vida militante, mais presentes na primeira parte. Além disso, mais do que desengajamento ou *burnout*, ganham espaço as análises que ressaltam processos de acomodação diante dos diversos desconfortos permanentes.

Abrindo a segunda parte, o capítulo 6 parte de duas cisões vividas por uma organização marxista-leninista genebrina dos anos 1970, o Centre de liaison politique, ocorridas em 1975 e 1977. Ao comparar a intensidade das emoções negativas mobilizadas em cada episódio, os autores mostram que o infortúnio militante não decorre apenas do conteúdo dos desacordos ideológicos, mas também da posição da organização no campo político, do grau de rigidez interna já instalado e dos recursos militantes de que dispunham os dissidentes. O capítulo propõe uma chave analítica para compreender por que cisões semelhantes, dentro de uma mesma organização, podem gerar cargas emocionais tão distintas.

Analisando o surgimento e ascensão do Podemos na Espanha (capítulo 7), o texto aponta os dilemas e contradições dos militantes entre um movimento que surgiu como contestação da ordem político-social estabelecida e seu ingresso na institucionalidade, especialmente a partir da eleição de militantes para as esferas administrativas do estado espanhol. Considerando a ambiguidade de um “partido-movimento” (p. 70), conceito utilizado para descrever a presença de dinâmicas híbridas dentro da organização, ora se assemelhando a um partido político e ora se assemelhando a um movimento social, o capítulo demonstra a partilha de “[...] dúvidas, perda de sentido, incertezas, sentimento de traição, medo de agir mal, medo de perder amizades, de se negar e de se corromper” (p. 74).

Embora compartilhadas, essas emoções são experimentadas e respondidas de modo diferente por militantes da base e por dirigentes. Por um lado, aos militantes de base, mais radicalizados, o ingresso na institucionalidade é sentido como um abandono ao ideal de ruptura que permeou a criação da organização em 2014. Disso, decorre um sentimento de desesperança, renegação e, por vezes, traição. No entanto, o capítulo também capta o estranhamento e o mal-estar dos indivíduos que acabaram por acessar cargos eletivos. A vida institucional, com suas contradições, diálogos imperativos e ritos, acaba por gerar questionamentos constantes. Diante desses estranhamentos todos, o autor busca mapear os recursos mobilizados diante dessas emoções. Para alguns, especialmente militantes de base, acontecem reconversões (ida para outras organizações mais radicais), além de defecções. Para os militantes dirigentes, é mais comum processos de reforçamento e acomodação diante das situações negativas.

Seguindo a mesma trilha, um dos organizadores do livro, Rémi Lefebvre, analisa a gestão do sofrimento entre os militantes que se consideram a esquerda do Partido Socialista francês. Diante de um processo de abertura ideológica do partido aos setores à direita da sociedade, especialmente depois de 2002, o autor busca refletir sobre as imbricações entre pertencimento e identidade de uma minoria de esquerda no interior da agremiação partidária. Através das sensações de desilusão e mal-estar, o capítulo passa a analisar as estratégias dos militantes que, apesar das dificuldades e desacordos ideológicos, escolhem continuar no partido. Refugiar-se em correntes internas, engajar-se de modo simultâneo em outros movimentos sociais, manter uma atividade militante indisciplinada diante das diretrizes partidárias e, por vezes, reencantar-se com a política através de campanhas eleitorais. Essas estratégias são percebidas como formas de acomodação desses militantes, para os quais o desengajamento é custoso, devido, especialmente, à relação entre identidade e militância, para além de uma noção de pragmatismo político.

Através do depoimento autobiográfico de um ex-militante do Partido Comunista Francês (PCF), Catherine Leclercq (capítulo 9) apreende o itinerário militante desse indivíduo como uma contribuição “[...] para a compreensão do desamparo de uma geração de operários confrontada com as transformações de seu grupo social, de seu partido e, inseparavelmente, do valor social de sua existência” (p. 88). Constatando aspectos de incompreensão, revolta e raiva no discurso de Emile Roger sobre sua saída tumultuada do partido, a autora constrói uma análise a respeito das evoluções objetivas do *corpus* militante, assim como do envelhecimento social, processo no qual “[...] os atores sociais perpetuam um *habitus* que se tornou inadequado pelas transformações objetivas” (p. 96).

O penúltimo texto (capítulo 10) acompanha a trajetória de Christian, permanente sindical da CGT que, a partir de 1983, tenta ingressar na Escola Nacional de Administração (ENA) pela chamada “terceira via”, criada para democratizar o recrutamento da alta função pública francesa. O caso, no limite entre a trajetória individual e as transformações do movimento operário francês, permite ao autor discutir o custo psíquico de se tornar reconhecido como intelectual quando não se dispõe dos títulos escolares legítimos, e como o desajuste entre *habitus* militante e exigências institucionais pode gerar um mal-estar persistente, mesmo depois de uma reconversão profissional bem-sucedida.

O último capítulo desloca o olhar para a Ordem dominicana, ao analisar dossiês de religiosos franceses que mantiveram relações amorosas entre as décadas de 1940 e 1970. O autor identifica dois repertórios de governo dos afetos mobilizados pela instituição para conter o infortúnio clerical e evitar defecções: de um lado, técnicas ascéticas; de outro, uma “sollicitude” pós-transgressão, que substitui a punição disciplinar por gestos de reconhecimento e até promoções, de modo a reintegrar o religioso desviante sem expor a instituição ao escândalo.

Se as temáticas abordadas por *Le malheur militant* percorrem contextos tão diversos, cabe perguntar em que medida essas discussões ressoam fora do universo francófono que a obra prioriza. Embora a obra não dialogue, especificamente, com a bibliografia brasileira sobre movimentos sociais, algumas de suas temáticas encontram perspectivas semelhantes em pesquisas produzidas no país. Os estudos sobre a institucionalização do engajamento militante desenvolvidos por Marcelo Kunrath Silva e Gerson de Lima Oliveira (Silva; Oliveira, 2011), por exemplo, focalizavam as “intersecções Estado-movimento”, temática correlata, ainda que sob perspectiva teórica distinta, à discutida nos capítulos sobre o Podemos e sobre a esquerda do Partido Socialista francês: enquanto a literatura brasileira tende a examinar essa intersecção sob um prisma estrutural, como mecanismo de ampliação da permeabilidade do Estado às demandas dos movimentos sociais, os capítulos ora resenhados priorizam o custo emocional desse mesmo trânsito, evidenciando sentimentos de traição, desilusão e medo de corrupção entre os militantes que o vivenciam. Para além, as análises sobre os custos afetivos diferenciados vividos por mulheres militantes, como as de Cristina Scheibe Wolff (2019), de Joana Maria Pedro, Cristina Scheibe Wolff e Ana Maria Veiga (Pedro; Wolff; Veiga, 2011) e de Higor Codarin (2025), apontam, no contexto brasileiro, para tensões semelhantes às discutidas no capítulo sobre gênero e organizações de esquerda radical francesa dos anos 1970.

Ao modo de conclusão desta resenha, deve-se dizer que a importância do livro reside em dois aspectos principais. Primeiro, a necessidade de incorporarmos a dimensão das emoções às análises sociológicas a respeito do engajamento militante na sociedade brasileira. Embora fortemente marcado por temáticas francesas, salvo poucas exceções, o que configura uma de suas principais limitações, o livro, no entanto, apresenta um cabedal teórico diverso, além de distintas temáticas e formas de análise. Sendo assim, pode oferecer referenciais analíticos importantes para a compreensão de movimentos sociais brasileiros. Segundo, a escolha específica de utilizar o infortúnio como fio condutor de uma análise sociológica.

Neste sentido, assim como as emoções são enraizadas socialmente, a escolha em focalizar o infortúnio militante também o é. Decorre de uma conjuntura em que, seja na França ou no Brasil, parece cada vez mais difícil vislumbrar luminosidade em ações políticas e, especialmente, no futuro.

Conforme François Hartog (2013), vivemos em um regime de historicidade presentista. Ao contrário de outrora, como apontou Koselleck (2006), quando o futuro, antes luminoso, regia as vidas e ações, agora parece fechado. Como bem se nota no capítulo a respeito da militância ecologista, o futuro parece povoado de angústias, tristezas, catástrofes e desesperanças. Sem passado e futuro, resta-nos um presente, pleno de *malheur*.

Em um momento histórico em que se tem falado, com cada vez mais frequência, sobre a relação entre militância e saúde mental³, este livro parece ser, também, um esforço de compreensão do nosso próprio tempo. Ao evidenciar o infortúnio como categoria sociológica e não mero sentimento individual, *Le malheur militant* recoloca as emoções no centro das análises sobre engajamento político. Incorporar essa perspectiva à sociologia brasileira pode ampliar nossa compreensão sobre as tensões, esgotamentos, abandonos, reforçamentos e acomodações que marcam a experiência militante. Além disso, refletir sobre essas emoções pode ser um passo importante para reencontrarmos novos caminhos. Afinal, como lembrou Sartre, “[...] um futuro vedado ainda é um futuro” (Sartre *apud* Mézários, 2012, p. 12).

Referências

1. AGRIKOLIANSKY, Éric; FILLIEULE, Olivier. Les rétributions du militantisme : du concept à la méthode. In: BARRAULT-STELLA, Lorenzo; GAÏTI, Brigitte; LEHINGUE, Patrick (ed.). **La politique désenchantée?** Perspectives sociologiques autour des travaux de Daniel Gaxie. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2019. p. 203-218. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.pur.147097>.

³ Para um exemplo francês, cf. Cottin-Marx (2023). Para um exemplo brasileiro, cf. Marques (2024).

2. BECKER, Howard. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
3. BOURDIEU, Pierre. Classement, déclassement, reclassement. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 24, p. 2-22, 1978.
4. BOURDIEU, Pierre. La représentation politique: éléments pour une théorie du champ politique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 36-37, p. 3-24, 1981.
5. CODARIN, Higor. **Vera Silvia Magalhães**: revolucionar a vida, reconstruir o mundo. Jundiaí: Paco Editorial, 2025.
6. COTTIN-MARX, Simon. Le burn-out militant: réflexions pour ne pas être consumé par le feu militant. **Mouvements**, n. 113, p. 156-164, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3917/mouv.113.0156>.
7. FILLIEULE, Olivier. **Le désengagement militant**. Paris: Belin, 2005.
8. FILLIEULE, Olivier. Carrière militante. In: FILLIEULE, Olivier; MATHIEU, Lilian; PÉCHU, Cécile (ed.). **Dictionnaire des mouvements sociaux**. Paris: Presses de Sciences Po, 2009. p. 85-94.
9. GAXIE, Daniel. Économie des partis et rétributions du militantisme. **Revue Française de Science Politique**, v. 27, n. 1, p. 123-154, 1977.
10. GOODWIN, Jeff; JASPER, James; POLLETTA, Francesca. **Passionate politics**: emotions and social movements. Chicago: University of Chicago Press Books, 2001. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226304007.001.0001>.
11. HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
12. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuições à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.
13. LECLERCQ, Catherine; PAGIS, Julie. Les incidences biographiques de l'engagement. **Sociétés Contemporaines**, n. 84, p. 5-23, 2001. DOI: <https://doi.org/10.3917/soco.084.0005>.
14. MARQUES, Luis Felipe Rosamilia. Descansa, militante: reflexões sobre saúde mental e a atividade de militância. **Carta Capital**, 27 set. 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/saude-capital/descansa-militante-Reflexoes-sobre-saude-mental-e-a-atividade-de-militancia/>. Acesso em: 27 out. 2025.
15. MÉSZÁROS, István. **A obra de Sartre**: busca da liberdade e desafio da história. São Paulo: Boitempo, 2012.

16. NAUJORKS, Carlos; SILVA, Marcelo. Correspondência identitária e engajamento militante. **Civitas**, v. 16, n. 1, p. 136-152, 2016. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2016.1.18139>.
17. PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria (ed.). **Resistências, gênero e feminismos contra as ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.
18. ROLEMBERG, Igor. Ritual, emoções e engajamento militante: a produção em ato da mística na romaria dos mártires da floresta em Nova Ipixuna/PA. **Revista de Antropologia**, v. 64, n. 2, p. e186656, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2021.186656>.
19. SAWICKI, Frédéric; SIMÉANT, Johanna. Décloisonner la sociologie de l'engagement militant. Note critique sur quelques tendances récentes des travaux français. **Sociologie du Travail**, v. 51, n. 1, p. 97-125, 2009. DOI: <https://doi.org/10.4000/sdt.16032>.
20. SEIDL, Ernesto. Disposições a militar e lógica de investimentos militantes. **Proposições**, v. 20, n. 2, p. 21-39, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072009000200003>.
21. SILVA, Marcelo Kunrath; OLIVEIRA, Gerson de Lima. A face oculta(da) dos movimentos sociais: trânsito institucional e intersecção Estado-Movimento: uma análise do movimento de economia solidária no Rio Grande do Sul. **Sociologias**, v. 13, n. 28, p. 86-124, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222011000300005>.
22. SILVA, Marcelo Kunrath; RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. Condições e mecanismos do engajamento militante: um modelo de análise. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 21, p. 187-226, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-335220162106>.
23. SILVA, Marcelo; RUSKOWSKI, Bianca. Levante juventude, juventude é prá lutar: redes interpessoais, esferas de vida e identidade na constituição do engajamento militante. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 3, p. 23-48, 2010.
24. THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. Tradução Denise Bottmann. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 v.
25. WEBER, Max. **O político e o cientista**. Tradução José Guilherme Merquior. 2. ed. Lisboa: Presença, 1973.
26. WOLFF, Cristina Scheibe. Razón y emoción: mujeres militantes en las dictaduras del cono sur. **Historia del Presente**, n. 33, p. 75-87, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5944/hdp.33.2019.40549>.

Fonte de financiamento: FAPESP (2025/00013-2).

Conflito de interesses: Nenhum.

Contribuição dos Autores: O primeiro autor desempenhou todas as funções.

Disponibilidade de Dados: Nenhum dado de pesquisa foi utilizado.

Uso de tecnologia assistida por inteligência artificial: O autor declara que a ferramenta de inteligência artificial Claude Sonnet 5 foi utilizada exclusivamente para a organização das notas de rodapé e formatação do manuscrito. O autor assume total responsabilidade pelo uso dessa ferramenta.

Editor: Matheus Mazzilli Pereira (UFRGS, Brasil).

Higor Codarin é doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente é pesquisador convidado na École des hautes études en sciences sociales e pesquisador de pós-doutorado vinculado ao departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas. higor.codarin@gmail.com

Recebido: 28 out. 2025.

Aceito: 10 ago. 2026.